
O SENTIDO DA VIDA EM PERSPECTIVA FILOSÓFICA: UMA LEITURA DA VONTADE DE PODER EM NIETZSCHE E DA VONTADE DE SENTIDO EM FRANKL

THE MEANING OF LIFE IN A PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE: A READING OF THE WILL TO POWER IN NIETZSCHE AND THE WILL TO MEANING IN FRANKL

Marco Aurélio de Paula Cremasco¹

Suderlan Tozo Binda²

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise filosófica do sentido da vida a partir do confronto entre duas concepções fundamentais: a vontade de poder, em Friedrich Nietzsche, e a vontade de sentido, em Viktor Frankl. O estudo parte da constatação de que a sociedade contemporânea enfrenta uma crise de valores e um vazio existencial que desafiam o ser humano a encontrar fundamentos que sustentem sua existência. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, centrada na leitura das obras originais dos autores e de estudos contemporâneos que abordam a temática. Em Nietzsche, o sentido da vida é concebido como criação subjetiva, expressão da potência vital que afirma a existência sem recorrer a instâncias transcendentais. Já em Frankl, o sentido é entendido como uma realidade objetiva, a ser descoberta e assumida pelo indivíduo em resposta às exigências concretas da vida. A reflexão comparativa permite compreender que ambas as perspectivas, embora divergentes quanto à origem e à natureza do sentido, convergem na tentativa de responder à mesma inquietação: como o ser humano pode sustentar-se existencialmente diante do sofrimento e da finitude. Conclui-se que a vontade de sentido proposta por Frankl oferece um caminho existencial concreto frente ao niilismo contemporâneo, ao reafirmar o sentido da vida como uma realidade ontológica que transcende a mera criação subjetiva.

Palavras-chave: Sentido da vida; Vontade de poder; Vontade de sentido; Frankl; Nietzsche.

ABSTRACT: This research presents a philosophical analysis of the meaning of life based on the confrontation between two fundamental conceptions: the will to power in Friedrich Nietzsche and the will to meaning in Viktor Frankl. The study arises from the recognition that contemporary society faces a crisis of values and an existential void that challenge human beings to find foundations capable of sustaining their existence. Methodologically, it is a bibliographical and exploratory study grounded in the reading of primary sources and contemporary interpretations of both authors. In Nietzsche, the meaning of life is understood as a subjective creation, the expression of vital power that affirms existence without appeal to transcendent instances. In Frankl, meaning is conceived as an objective reality to be discovered and embraced by the individual in response to the concrete demands of life. The comparative reflection reveals that,

¹ Centro Universitário Salesiano (UNISALES). Vitória/ES, Brasil. E-mail: marcocremasco@hotmail.com.

² Centro Universitário Salesiano (UNISALES). Vitória/ES, Brasil. Professor do Unisales. E-mail: s.binda@salesiano.br.

although they differ in their conception of the origin and nature of meaning, both thinkers address the same existential question: how can human beings sustain themselves before suffering and finitude? It is concluded that Frankl's will to meaning offers a concrete existential path in the face of contemporary nihilism, reaffirming the meaning of life as an ontological reality that transcends mere subjective construction. **Keywords:** Meaning of life; Will to power; Will to meaning; Frankl; Nietzsche.

1 INTRODUÇÃO

A palavra “sentido” tem muitos significados na língua portuguesa. No dicionário Saraiva Jovem (2010, p. 1084), encontra-se sentido como uma expressão de um sentimento (mágoa ou melancolia), uma faculdade responsável pela recepção de impressões externas (visão, audição, olfato, paladar e tato), uma direção (de cunho geográfico), o que se deseja alcançar, um objetivo, razão de ser, dentre outros. Nestes significados, existe, ainda que intrinsecamente, um elemento em comum: a ideia de orientação. Toda orientação aponta para uma finalidade. A noção de “sentido” a ser adotada neste artigo é o objetivo, a razão de ser, isto é, a finalidade. No que tange ao ser humano, a compreensão de “sentido” como finalidade aponta que ele deve compor a vida humana, conferindo a força motivadora capaz de conduzir o ser humano ao seu objetivo último: realizar sua finalidade. Para o indivíduo, o sentido fornece uma essência ou ligação direta com significado, propósito e orientação diante das escolhas e desafios cotidianos.

Refletir sobre o sentido da vida é uma necessidade premente em nossa sociedade contemporânea, marcada pela ausência de propósito existencial, que tem contribuído significativamente para o aumento de transtornos psicológicos como a depressão, que em casos extremos pode levar ao suicídio. Um artigo publicado na Revista Científica e Acadêmica de Logoterapia analisa criticamente o suicídio na sociedade atual, destacando que o vazio existencial e a falta de valores podem resultar no ato do autoextermínio.³ Nesse contexto, a Logoterapia, abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Viktor Frankl, enfatiza que a busca por sentido é a principal força motivadora do ser humano, e a falta desse sentido pode levar a um vazio existencial profundo, observado em larga escala na contemporaneidade.

Friedrich Nietzsche (2017) alega que quem tem um porquê para viver pode suportar quase qualquer como. Viktor Frankl chega a afirmar que “o desespero é igual a sofrimento sem o sentido.”⁴ O homem poderia suportar tudo na vida, a não ser a falta de sentido. O interesse do tema se justifica pelo fato de que todo ser humano vive de alguma forma em busca de um sentido de vida. A relevância no campo filosófico se dá no confronto da análise existencial de Frankl ao niilismo contemporâneo, ao postular que o sentido da vida revela algo objetivo que deva ser descoberto, acolhido e buscado. Por outro lado, Nietzsche compreende que o ser humano constrói o sentido

³ BERMON, A; VERA, A. Suicídio, o Sentido da Vida e os Valores de Uma Sociedade Que Não Percebe o Sentido. **Revista Científica e Acadêmica de Logoterapia**. V. 1, n. 2, 2024. Disponível em: <https://logoterapia.com.br/ojs/index.php/rcals/article/view/16>. Acesso em: 04 abr 2025.

⁴ Entrevista com Viktor Frankl - O Sentido da Vida. Vídeo. 8min41s. Publicado pelo canal Janela da Alma Psicanálise. 13 ago. 2014. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=ryQj4BlfimE&t=11s. Acesso em: 11 abr. 2025.

da vida de modo subjetivo, fundamentando-se em sua vontade e em suas próprias criações de significado.

O interesse por esse problema surge em meio a uma cultura caracterizada pelo esvaziamento de valores tradicionais, pela aceleração do tempo e pela fragmentação das experiências, que intensifica crises de ordem existencial, psicológica e espiritual. Observa-se um aumento significativo do sentimento de vazio existencial, especialmente entre indivíduos que, apesar do amplo acesso a bens e tecnologias, demonstram dificuldade em atribuir significado às suas vidas. Nesse cenário, a filosofia se apresenta como ferramenta essencial para compreender as bases ontológicas dessa crise, possibilitando investigar o sentido da vida em sua raiz mais profunda e refletir sobre a condição humana em sua totalidade.

A filosofia possibilita compreender o sentido da vida em sua raiz mais profunda, indo além das explicações psicológicas e sociológicas que descrevem apenas os efeitos do vazio existencial na contemporaneidade. É por meio da filosofia que se pode interrogar a condição humana em sua totalidade, questionando não apenas como o vazio se manifesta, mas o que significa existir, sofrer, escolher e ter um sentido para a vida. Além disso, a filosofia oferece a possibilidade de colocar em diálogo diferentes tradições de pensamento, como Nietzsche e Frankl, refletindo sobre a criação ou a descoberta do sentido. É próprio da filosofia levantar questionamentos que emergem diante de uma inquietação interior sobre a verdadeira causa dos efeitos que identificamos na contemporaneidade.

Na filosofia, a ontologia é o estudo do ser e das estruturas fundamentais da realidade. Afirma-se que o sentido da vida constitui uma realidade ontológica, ou seja, não se limita a um fenômeno psicológico ou cultural, mas integra a própria estrutura do existir. O ser humano encontra sentido ao assumir sua liberdade e responder às situações que lhe são dadas. A realidade ontológica, portanto, não é uma opção, mas um aspecto constitutivo da condição humana, reconhecendo que o sentido se enraíza no ser do homem e acompanha sua existência como exigência fundamental.

Toma-se como ponto de partida duas concepções centrais acerca do sentido da vida – a vontade de poder, presente na filosofia de Friedrich Nietzsche, e a vontade de sentido, proposta por Viktor Frankl – a fim de dialogar sobre essa questão na contemporaneidade. Nietzsche representa a morte dos valores tradicionais e da vontade de poder que culmina no ideal do super-homem, enquanto Frankl apresenta, em sua linha central, a vontade de sentido como força de permanecer na existência. A análise conjunta desses pensadores permite compreender o sentido da vida sob diferentes perspectivas, considerando suas bases conceituais, seus pressupostos filosóficos e suas implicações para o modo como o ser humano se posiciona diante do mundo, da liberdade, do sofrimento e da própria finitude. Trata-se, assim, de investigar de que modo essas duas formulações, embora provenientes de contextos históricos e filosóficos distintos, convergem na tentativa de responder à mesma inquietação existencial que acompanha a humanidade: a busca por um significado que justifique, sustente e oriente a experiência da vida diante do sofrimento, da dor e do aparente absurdo da existência.

Este estudo tem por objetivo articular conceitos específicos em Nietzsche e Frankl, produzindo uma reflexão filosófica sobre o sentido da vida. Ademais, busca-se esclarecer de que modo a vontade de sentido proposta por Frankl pode oferecer um

caminho existencial concreto diante do vazio de sentido presente na sociedade contemporânea, contrapondo-se à concepção de vontade de poder em Nietzsche, ao afirmar que o sentido da vida não é mera criação subjetiva e fenômenos humanos, mas uma realidade ontológica a ser descoberta e assumida.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica e exploratória, cujo método selecionado possibilita uma leitura tanto de obras originais e diretas dos autores, quanto associada à análise de artigos e textos contemporâneos que abordam a temática em questão, fundamentando o desenvolvimento da pesquisa e caracterizando-a dentro do campo da reflexão filosófica.

Assim, para tal pesquisa, fez-se necessário o levantamento e análise de livros, artigos e vídeos de entrevista. Levantar informações sobre o tema através de uma pesquisa bibliográfica compõe o material a ser analisado. Por isso, referente à natureza das fontes utilizadas, a pesquisa será de cunho bibliográfico. Em consonância com Gil (2002, p. 44): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Além disso, quanto ao objetivo, a pesquisa exploratória pretende alcançar melhor compreensão da problemática do sentido da vida. Tal objetivo envolve também a investigação de como essas inquietações existenciais foram abordadas pelas diferentes correntes filosóficas, tendo sua representação no pensamento de Nietzsche e de Frankl. Ambos, a seu modo, oferecem respostas originais à questão do sentido da existência, contribuindo assim para um olhar mais crítico sobre o tema.

No percurso investigativo, optou-se por deter-se em conceitos centrais que cada autor elabora: em Nietzsche, a análise se concentra na noção de vontade de poder, compreendida como força criadora de valores e como via de atribuição de sentido à existência; em Viktor Frankl, a reflexão se volta à vontade de sentido, concebida como a motivação fundamental do ser humano e como resposta ao sofrimento e à contingência. Esse recorte permite comparar perspectivas distintas sobre o problema do sentido da vida, bem como evidencia aproximações e contrastes que enriquecem a discussão. Por fim, a pesquisa não se limita a um exercício expositivo das teorias, mas pretende articular uma reflexão filosófica própria a partir do diálogo estabelecido entre Nietzsche e Frankl. Dessa forma, busca-se problematizar as contribuições de ambos, relacionando-as criticamente ao horizonte existencial contemporâneo.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (Gil, 2002, p. 41).

Dessa forma, com base nos elementos metodológicos apresentados, busca-se aprofundar a compreensão filosófica acerca do sentido da vida. A investigação, portanto, não apenas se insere no campo da filosofia, mas também pretende contribuir para o esclarecimento da problemática proposta. Outrossim, a pesquisa coloca os dois autores em diálogo filosófico e, através de suas concepções ontológicas, viabiliza o desenvolvimento de interpretações críticas e coerentes com a complexidade do tema.

3 ENTRE O PODER E O SENTIDO: UM CAMINHO PELA VONTADE HUMANA EM BUSCA DE SIGNIFICADO

3.1 FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE: A VONTADE DE PODER

Na obra de Reale e Antiseri (2006), Friedrich Wilhelm Nietzsche é abordado sob a perspectiva da fidelidade à terra e a transmutação dos valores. Nascido em 15 de outubro de 1844 em Röcken, Alemanha, e falecido em 25 de agosto de 1900 em Weimar, Alemanha. Nietzsche iniciou seus estudos avançados na área da filologia clássica. Durante os estudos da filologia clássica em Leipzig, Alemanha, teve contato com a obra de Arthur Schopenhauer denominada “O mundo como vontade e representação.” Segundo Nieto (2023, p. 29), Nietzsche viu em Schopenhauer um mestre que o conduziu por um caminho de radicalismo negativista e ateu, separando-se dele, depois de um tempo, por criticar muitos de seus pensamentos. Nietzsche se afasta de Schopenhauer por ver nele um herdeiro da tradição e interpretação cristã acerca do pessimismo romântico. Outro nome marcante em sua trajetória foi Wilhelm Richard Wagner, a quem Nietzsche inicialmente considerava um aliado na rebeldia intelectual inspirada por Schopenhauer (Nieto, 2023, p. 31). O problema e posterior ruptura se deu quando Wagner passou por uma conversão ao catolicismo, fazendo de sua obra uma apologia à fé cristã, abandonando os pensamentos radicais de um ateu de outrora, o que gerou em Nietzsche um grande descontentamento e forte rejeição. Schopenhauer, portanto, teve profunda relevância no que Nietzsche escrevera sobre a vida:

Em Leipzig, [...] Nietzsche leu O mundo como vontade e representação, de Schopenhauer, e ficou fascinado, a ponto de mais tarde o julgar como ‘um espelho, no qual vi [...] o mundo, a vida e meu próprio espírito’. A vida, pensa Nietzsche nas pegadas de Schopenhauer, é cruel e cega irracionalidade, dor e destruição. Só a arte pode oferecer ao indivíduo a força e a capacidade de enfrentar a dor da vida, dizendo sim à vida (Reale; Antiseri, 2006, p. 7).

Nietzsche encontra na tragédia grega uma expressão originária da afirmação da vida. A tragédia grega era um gênero teatral desenvolvido na Grécia antiga, especialmente em Atenas, entre os séculos VI e V a.C. Nietzsche interpreta a tragédia grega como a fusão de duas forças fundamentais da existência: o espírito apolíneo e dionisíaco, respectivamente denominados como Apolo e Dionísio. A força oriunda de Apolo representa a razão, ordem e harmonia. Por outro lado, a força que vem de Dionísio representa o caos, o êxtase e a desordem. Além desses aspectos, o espírito dionisíaco está conectado com a questão do instinto, o êxtase, e o lado irracional. Segundo Reale e Antiseri (2006), Dionísio simboliza a força do instinto e da saúde, além de uma humanidade em pleno acordo com a natureza. Apolo tem o senso da medida, do equilíbrio e do sonho. As duas concepções, Apolo e Dionísio, podem coabitar no ser humano, dando um contraponto para se viver, inspirado no simbolismo artístico. Nietzsche, por sua vez, valoriza e ressalta o espírito dionisíaco.

Na obra “O nascimento da Tragédia”, originalmente escrita em 1872, o espírito dionisíaco representa a aceitação radical da vida em sua totalidade, contrapondo-se às visões que buscam negá-la ou justificá-la por meio de mundos suprassensíveis. Essa concepção atravessa e fundamenta todo o pensamento de Nietzsche, pois é a partir dela que se estrutura a crítica à religião e à metafísica, pois ambas são vistas como tentativas de negar o caráter trágico da existência. Também é o espírito dionisíaco que sustenta o processo de transmutação dos valores, uma vez que rompe

com a moral tradicional, marcada pela negação dos instintos, instaurando uma nova perspectiva que valoriza a potência vital. Dessa forma, Nietzsche vê nesta tragédia grega uma combinação de ordem e caos, propondo que essa tensão entre Apolo e Dionísio reflete a própria realidade do mundo, como um jogo de forças contraditórias.

Em contrapartida, a filosofia socrática representaria o início da decadência, ao colocar a razão acima dos instintos vitais. Para Nietzsche, a tentativa de dominar a vida pela racionalidade — como propôs Sócrates — inicia o processo de negação da existência que será levado adiante por Platão, Aristóteles e, mais tarde, pelo cristianismo. "[...] Sócrates – escreve Nietzsche – foi um equívoco: toda a moral do aperfeiçoamento, inclusive a cristã, foi um equívoco [...]" (Reale e Antiseri, 2006, p. 7).

Nunca ouviram falar do louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública, gritando sem cessar: "Procuro Deus! Procuro Deus!" Mas como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, o seu grito, provocou grande riso. "Ter-se-á perdido, como uma criança?", dizia um. "Estará escondido? Terá medo de nós? Terá embarcado? Terá emigrado?" Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. "Para onde foi Deus?", exclamou, "é o que lhes vou dizer. Matamo-lo... vocês e eu! Somos nós, nós todos, que somos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro? Que fizemos quando desprendemos a corrente que ligava esta terra ao Sol? Para onde vai ela agora? Para onde vamos nós próprios? Longe de todos os sóis? Não estaremos incessantemente a cair? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima, um abaixo? [...] Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possui de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob o nosso punhal; quem nos há-de limpar deste sangue? Que água nos poderá lavar? Que expiações, que jogo sagrado seremos forçados a inventar? A grandeza deste ato é demasiado grande para nós (Nietzsche, 2000, p. 108).

A crítica de Nietzsche atinge seu ponto mais radical com o anúncio da "morte de Deus", símbolo do colapso de toda metafísica tradicional. Com essa morte, desmorona-se a visão dualista de um mundo sensível e outro ideal, e também a crença em uma verdade absoluta e transcendente. A admissão de um mundo verdadeiro, transcendente e eterno para além do aparente, imanente e temporal é negado por Nietzsche. Ele indica que a fundamentação psicológica da metafísica reside na insatisfação com este mundo, levando a uma criação de sentido supra sensorial que ignora a experiência concreta da vida.

Na referência de "A Gaia Ciência" citada anteriormente, Nietzsche (2000, p.108) no Aforismo 125 apresenta o "homem louco", dando corpo a essa crítica: o louco anuncia a morte de Deus em meio à praça pública, e sua mensagem provoca riso entre aqueles que não acreditam. O que se evidencia é o desamparo humano diante do colapso de antigas referências de sentido. Nietzsche utiliza elementos da natureza como o horizonte e o Sol para dimensionar a magnitude desse acontecimento. Ao questionar "Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro?", ele evoca a vastidão do mundo natural como metáfora para a totalidade do sentido que se perde. O horizonte, que simboliza limites e direções, desaparece, deixando o homem sem referências estáveis. O Sol, fonte de luz e orientação, deixa de apontar caminhos claros, deixando o ser humano "a cair

incessantemente” em todas as direções, sem um “acima” ou “abaixo” moral ou existencial.

Assim, Nietzsche mostra que a morte de Deus não representa apenas uma perda teórica, mas uma experiência de niilismo profundo: a constatação de que os antigos valores não valem mais e de que o mundo carece de sentido intrínseco. No entanto, longe de ser um fim, essa ausência de referências abre espaço para a criação de novos sentidos. O ser humano é convidado a se afirmar como criador de sentido, assumindo responsabilidade sobre sua própria existência. Essa transição prepara o surgimento do ideal do super-homem, figura que representa a superação do niilismo e a afirmação plena da vida, não mais dependente de fundamentos transcendentais, mas enraizada na própria realidade vivida.

Diante da ausência de um sentido ontológico ou metafísico para a existência, Nietzsche propõe a vontade de poder como princípio interpretativo da realidade. O conceito aparece inicialmente em Assim falou Zaratustra (2011) e é desenvolvido mais explicitamente em obras posteriores como Além do bem e do mal (2001). A vontade de poder não é uma vontade consciente ou racional, mas uma força vital, criadora e afirmadora, que se manifesta em todas as formas de vida como impulso de expansão, superação e intensificação.

No aforismo 36 de Além do bem e do mal (2001), Nietzsche sugere que talvez não haja nenhuma realidade mais profunda do que nossos próprios desejos, instintos e paixões. O pensamento, portanto, não seria algo separado da vida, mas expressão de suas forças internas. O mundo, visto por dentro, seria vontade, impulso, força em disputa, uma vontade sobre outra vontade:

[...] Suponho, finalmente, que se chegasse a explicar toda nossa vida instintiva como o desenvolvimento da vontade – da vontade de potência, é minha tese – teria adquirido o desejo de chamar a toda energia, seja qual for, vontade de potência. O mundo visto por dentro, definido e determinado por seu 'caráter inteligível' seria – precisamente 'vontade de potência' e nada mais (Nietzsche, 2001, p. 48).

Nesse sentido, Nietzsche propõe uma visão do mundo como jogo de forças — um devir constante, sem fundamentos absolutos. A vontade de poder é a chave hermenêutica para compreender esse processo vital em que tudo está em transformação. Isso implica rejeitar qualquer valor como dado ou eterno, pois todos os sentidos são interpretações humanas — construções simbólicas projetadas sobre o mundo. O aspecto filosófico fundamental que aparece é de que a vida não tem um sentido ou valor em si mesma; não há um significado ontológico inscrito no ser das coisas. Em vez de buscar um sentido objetivo e transcendente para a existência, Nietzsche convoca cada indivíduo a reconhecer o caráter caótico e vazio da vida, assumindo a responsabilidade de criar seus próprios valores. Nessa perspectiva, o sentido da vida não é algo a ser descoberto, mas inventado.

[...] Nada que tenha seja que valor for no mundo presente possui este valor em si mesmo, por natureza — a natureza nunca tem valor; este valor foi-lhe dado, é um presente, é uma oferta que lhe fizeram, e aqueles que lhe fizeram fomos nós. Fomos nós que criamos o mundo que diz respeito ao homem; para que este mundo existisse foi necessário que nós viéssemos!... Mas é precisamente isso que não sabemos, e quando nos acontece apercebermos disso esquecemo-lo no espaço de um relâmpago: desconhecemos a

nossa melhor força e engamo-nos num grau ao julgarmo-nos nós os contemplativos: não somos nem tão altivos, nem tão felizes como poderíamos (Nietzsche, 2000, p. 146).

A figura que encarna essa possibilidade criadora é o Zaratustra. Ele é aquele que aceita a morte de Deus e supera o niilismo, não recaindo em novos valores transcendentais, mas tornando-se autor de sua própria existência. Zaratustra representa o homem que rompe com a moral tradicional e cria novos valores — um poeta da própria vida:

Zaratustra é aquele que veio mostrar que é possível ao homem aceitar a morte de Deus e superar o niilismo, rompendo com a metafísica e a moral, tornando-se poeta-autor de sua vida ao desejar a superação. Esse é o ensinamento de Zaratustra ao falar da doutrina da vontade de poder (Freire, 2015, p. 25).

Assim, a vontade de poder se torna o novo horizonte interpretativo da existência. Ela não nega a vida: ao contrário, afirma-a em sua potência criadora, negando as ilusões metafísicas que possam garantir uma estabilidade e uma verdade absoluta. Trata-se, portanto, de movimento, em que o sentido da vida não é dado, mas inventado pelo próprio ser humano, em constante autossuperação.

A síntese realizada por Reale e Antiseri (2006, p. 16) esclarece que, para Nietzsche, a vida é um conjunto de atos irracionais, muitas vezes cruéis e cegos, que tem dois instintos como base: apolíneo e dionisíaco. O espírito instintivo que é almejado por ele é o de Dionísio, pois apresenta-se como algo que dê a força do instinto, onde tem-se uma embriaguez que estimula a criatividade e, em última análise, diz um sim à vida como o ato supremo do ser humano concordante com esta sua natureza. Sócrates não é bem visto por Nietzsche, pois ele representou a prevalência do apolíneo e, assim, o início da decadência. O cristianismo foi, segundo Nietzsche, um movimento que impediu o avanço de sua concepção de vida, já que considerou pecado a vivência de instintos dionisíacos. Nietzsche postula sobre a morte de Deus como símbolo da decadência da civilização ocidental, mostrando que os valores fundamentais da humanidade haviam acabado. Surge, nesse sentido, o niilismo: um vazio de valores e ausência de ordem no universo.

[...] Não há valores absolutos; aliás, os valores são desvalores; não existe nenhuma estrutura racional e universal que possa sustentar o esforço do homem; não há nenhuma providência, nenhuma ordem cósmica. Não há uma ordem, não há um sentido. Mas há uma necessidade: o mundo tem em si a necessidade da vontade. Desde a eternidade, o mundo é dominado pela vontade de aceitar a si próprio e de repetir-se (Reale; Antiseri, 2006, p. 14).

Essa é a potência de sua doutrina do eterno retorno: o mundo não caminha rumo a um fim glorioso, nem progride em linha reta como pensam o cristianismo ou o historicismo. Ao contrário, tudo retorna eternamente. Tudo o que vivemos, cada dor, cada alegria, cada instante banal ou sublime, retornará infinitas vezes, exatamente como é. E o desafio que Nietzsche nos lança é: você aceitaria viver essa mesma vida, com tudo o que ela tem, infinitas vezes? Se a resposta for sim, então você aprendeu o que é o *amor fati* — o amor ao destino, à necessidade, ao real tal como ele se apresenta. Amar a vida mesmo sem um sentido pré-fabricado, amá-la porque é, e não porque promete algo — esse é o novo sentido que Nietzsche propõe. Não um sentido fora da vida, mas um sentido que nasce da própria afirmação da existência em sua

repetição eterna. A reflexão de Nietzsche sobre o eterno retorno gira em torno disto, e Zaratustra é a figura que mostra o novo sentido que a vida possa ter após o niilismo, pois Zaratustra vive o *amor fati* – aceitar o eterno retorno e a mudança de valores – e anuncia o super-homem: o ser humano que ama a vida em perfeição, tendo o espírito dionisíaco emergindo como vontade de poder.

[...] O homem deve inventar o homem novo, isto é, o super-homem, o homem que vai além do homem e que é o homem que ama a terra e cujos valores são a saúde, a vontade forte, o amor, a embriaguez dionisíaca e um novo orgulho. Diz Zaratustra: "Um novo orgulho ensinou-me o meu Eu, e eu o ensino aos homens: não deveis mais esconder a cabeça na areia das coisas celestes, mas mantê-la livremente: uma cabeça terrena, que cria ela própria o sentido da terra. [...] O super-homem "ama a vida" e "cria o sentido da terra", e é fiel a isso. Aí está sua vontade de poder (Reale; Antiseri, 2006, p. 15).

Friedrich Wilhelm Nietzsche propõe uma afirmação radical da vida. Sua filosofia é um posicionamento vigoroso contra todas as formas de negação da existência terrena — seja pela moral cristã, pelo platonismo ou pelos ideais ascéticos que depreciam o mundo sensível em nome de uma suposta realidade superior. Ele busca um pensamento que celebre a vida em toda a sua complexidade. Para Nietzsche, muito do que tradicionalmente é compreendido como verdade ou valor é, na verdade, uma construção ilusória. O espírito dionisíaco encontra expressão na noção de vontade de poder, entendida como fluxo criador e expansivo da vida. É também o fundamento que permite a afirmação do eterno retorno, pois apenas quem assume o dionisíaco pode dizer sim à repetição infinita da existência. Por fim, ele se realiza de maneira exemplar na figura do além-do-homem, aquele que cria novos valores e encarna a afirmação trágica da vida. Dessa maneira, o espírito dionisíaco é o núcleo vital da filosofia de Nietzsche. Ele é o princípio que possibilita a crítica, a criação e a superação, sendo a força que alimenta a vontade de poder, a transmutação dos valores e a perspectiva do além-do-homem.

3.2 VIKTOR EMIL FRANKL: A VONTADE DE SENTIDO

Viktor Emil Frankl nasceu em 26 de março de 1905 em Viena, Áustria, e faleceu em 2 de setembro de 1997 na mesma cidade. Formou-se em medicina, especializando-se como neurologista e psiquiatra. Proveniente de família judia, o austríaco vivenciou período conturbado do nazismo, sendo aprisionado em campos de concentração, bem como os demais membros de sua família. Frankl sobreviveu, ao todo, a quatro campos de concentração nazistas. Não parando nas especializações médicas, trabalhou em um projeto singular no ramo da psicologia: foi criador e fundador da logoterapia, Terceira Escola de Psicoterapia Vienense. Além de médico e criador da logoterapia, devo afirmar que a vida e obras de Viktor Frankl foram notáveis no campo da filosofia.

A existência humana se mostra instável, hesitante e vulnerável quando carece de um fundamento mais profundo, representado por um ideal sólido, segundo Frankl (2011). O renomado físico Albert Einstein (apud Frankl, 2011, p. 67) reforça a gravidade dessa falta de sentido: "[...] o homem que considera a própria existência desprovida de sentido não só é infeliz, como também dificilmente consegue adaptar-se à vida". Assim, a ausência de sentido não é apenas uma carência intelectual ou abstrata, mas uma ameaça concreta ao equilíbrio psíquico e à capacidade de viver de forma plena.

Frankl tinha admiração por Sigmund Freud, que era professor da mesma universidade em que estudou: a Universidade de Viena. Além desse contato com Freud, teve contato e apreço com Alfred Adler, embora tenha seguido seu próprio caminho, afastando-se tanto da corrente psicanalítica quanto da corrente da psicologia individual, respectivamente de Freud e Adler. A Terceira Escola de Psicoterapia Vienense, fundada por Viktor Frankl, tem como finalidade oferecer às pessoas um tratamento que gira em torno do sentido da vida. À respeito da Terceira Escola de Psicoterapia Vienense, existem três fundamentos essenciais que a sustentam:

Esta conta com um rico e robusto tripé que nos traz tanto uma imagem do homem, a partir de noções antropológicas, quanto uma imagem do mundo, com uma fundamentação filosófica e uma ciência da cura que é, por fim, toda a proposta psicoterapêutica desenvolvida por Frankl (Carmelo, 2024, p. 55).

Para Frankl (2019, p. 82), a busca pelo sentido é uma exigência essencial da condição humana, sendo o aspecto mais característico da humanidade. Seu trabalho, influenciado também pela experiência médica, compreende o cuidado integral com o ser humano: envolve reflexão filosófica, conhecimento antropológico e prática científica. A busca por sentido não se restringe a reflexões teóricas, mas se manifesta na vida concreta. Segundo Frankl (2022, p. 31), “[...] tudo reside no fato de que ele [o ser humano] realiza na prática – e não com meras palavras – o sentido da vida conforme o seu próprio ser”. Viver, portanto, implica assumir um compromisso singular: “A vida é, portanto, de alguma forma, obrigação, é um único e grande dever” (Frankl, 2022, p. 36).

[...] O problema do sentido da vida, sem mais, carece de sentido, porquanto está mal posto, se nos seus termos apenas se considera vagamente «a» vida e não, em concreto, «a minha» existência. E, se nos remontamos a uma reflexão sobre a estrutura originária da nossa vivência do mundo, teremos que dar ao problema do sentido da vida uma viragem copernicana: é a própria vida que faz perguntas ao homem. O que o homem tem que fazer não é interrogar, mas ser interrogado pela vida e à vida responder: o homem tem que responder à vida, tornando-se «responsável». Entretanto, as respostas que o homem dá só podem ser respostas concretas a «perguntas vitais» concretas. É na responsabilidade da existência que se dá a sua resposta; é na própria existência que o homem «efetiva» o responder-lhe às questões que lhe são próprias (Frankl, 2019, p. 130).

Nesse contexto surge o conceito de vontade de sentido, sendo definido como o impulso interno humano que dá força e propósito para permanecer na existência. O sentido é a ação que a vida exige em cada situação, algo que não pode ser delegado a outra pessoa. Responder adequadamente às demandas da vida conduz à realização pessoal:

[...] Em última análise, viver não significa outra coisa senão arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento (Frankl, 2024, p. 129).

A logoterapia contribui para a reflexão filosófica, especialmente no enfrentamento do niilismo contemporâneo, caracterizado pela sensação de vazio e ausência de propósito. Frankl propõe que o sentido da vida não é fabricado subjetivamente, mas descoberto e acolhido: “[...] o sentido da vida não pode ser inventado; antes tem que ser descoberto” (Frankl, 2019, p. 108) e “[...] sentido deve ser encontrado, não dado –

muito menos ainda pelo terapeuta” (Frankl, 2011, p. 87). O sentido, portanto, é uma dimensão ontológica da existência humana, objetiva e independente da mera invenção cultural. Ele não pode ser relativizado, pois simplesmente existe. A busca pelo sentido trata-se, portanto, de um dever a ser cumprido.

Em uma de minhas palestras pelos Estados Unidos, foi solicitado à plateia que me enviasse perguntas em pequenos papéis; um teólogo ficou responsável de colhê-las e entregá-las a mim. O dito rapaz, em determinado momento, sugeriu que eu pulasse uma pergunta, porque, como ele disse, “não fazia o menor sentido”: “Alguém deseja saber como você define seiscentos [600] em sua teoria da existência”. Quando eu li a pergunta, eu vi um diferente significado. “Como você define Deus [GOD] em sua teoria da existência?”. Escritas em letra de forma, as palavras Deus [GOD] e seiscentos [600] eram de difícil diferenciação. [...] Mas o único jeito de ler a pergunta era o jeito certo. Apenas um modo de ler a pergunta foi tencionado por quem a formulou. Desse modo, chegamos a uma conclusão sobre o que se deve entender por “sentido”. Sentido é o que se tenciona, seja por uma pessoa que me pergunta algo, seja por uma situação que encerra uma pergunta e clama por resposta. Eu não posso dizer algo como: “Certa ou errada, essa é minha resposta”. [...] O que devo fazer é tentar, ao máximo, encontrar o verdadeiro sentido das perguntas que me são formuladas (Frankl, 2011, p. 80).

O sofrimento é parte inerente da vida. Frankl (2011) identifica três formas universais de sofrimento: dor, culpa e morte. Ele afirma que o sofrimento inevitável pode aproximar o indivíduo de um sentido mais profundo, gerando uma tensão existencial fecunda: “[...] O sofrimento cria no homem, por conseguinte, uma tensão fecunda [...], fazendo-lhe sentir, como tal, o que não deve ser” (Frankl, 2019, p. 194). A vida, segundo o autor, só adquire forma e significado diante dos desafios impostos pelo destino (Frankl, 2019, p. 198).

A vontade de sentido orienta todas as reflexões franklianas. Para Frankl (2011), na ausência de vontade de sentido, o ser humano possivelmente irá buscar significação na vontade de prazer ou na vontade de poder, alternativas insuficientes e superficiais. Significar a vida pelo prazer é trocar a finalidade de uma ação por um efeito que é incerto e insuficiente. O prazer deve ser colocado no correto lugar, como derivado da vontade de sentido. Em outro aspecto, a vontade de poder é concentrar esforços no processo e não no fim último do homem. Frankl vê a vontade de poder manifesta em tornar instrumentos – como o dinheiro – em uma finalidade primária.

[...] Nesses casos, em que a vontade de sentido é frustrada, a vontade de prazer se impõe não apenas como uma derivação da vontade de sentido, mas também como uma substituta para ela. A vontade de poder, por sua vez, serve, paralelamente, a um propósito análogo. Apenas quando a preocupação original com a realização de sentido é frustrada, é que alguém concentra seus esforços na obtenção de prazer ou contenta-se com a conquista do poder. Uma das formas que a vontade de poder assume constitui aquilo que chamo de “vontade de dinheiro”. [...] Uma vez que a “vontade de dinheiro” assuma o controle, a busca por sentido é substituída pela busca de meios. O dinheiro, em vez de permanecer em sua condição de meio, torna-se um fim, deixando de servir a um propósito (Frankl, 2011, p. 121).

Em “A Vontade de Sentido”, Frankl (2011) alerta para a interpretação exageradamente subjetiva do existencialismo, defendendo que sentido surge na tensão entre sujeito e

objeto. O ser humano está situado em um mundo real, com objetividade própria, que desafia e interpela o sujeito. Ao abordar a expressão “ser-no-mundo”, típica da filosofia existencialista, Frankl propõe uma compreensão mais equilibrada: ser humano é estar situado em um mundo com objetividade e realidade próprias que interpelam o sujeito e não mera projeção da subjetividade. Por fim, Frankl conclui que preservar essa tensão entre sujeito e objeto, entre realidade e idealidade, é essencial. A mesma tensão que existe entre o ser e o dever-ser, entre o real e o sentido, é o que dinamiza a existência humana.

[...] a objetividade não exclui a sua subjetividade. Explico-me: o sentido é subjetivo na medida em que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um dos outros; entretanto, [...] o sentido não pode ser puramente subjetivo: não pode ser a mera expressão, o puro reflexo do meu ser, nos termos em que o subjetivismo (nega que haja um sentido, pois sustenta que não o há, sendo nós, pelo contrário, que damos e atribuímos um sentido a uma situação) [e] o relativismo o entendem e no-lo pretendem fazer crer (Frankl, 2019, p. 105).

Existe uma direção que não depende unicamente da vontade ou da opinião individual, mas da fidelidade ao conteúdo intencional da interrogação feita pela vida ou por outrem. Portanto, compreender o sentido implica escutar com atenção o que está sendo perguntado e comprometer-se responsabilmente com a busca de uma resposta verdadeira, e não apenas conveniente ou subjetivamente satisfatória. O sentido é responder a um chamado. Por isso, a busca pelo verdadeiro sentido das perguntas é fundamental, pois é a compreensão adequada desse sentido que possibilita a formulação de uma resposta igualmente correta e significativa.

Mas sentidos e valores são, realmente, tão relativos e subjetivos quanto se faz crer? Em certo sentido, sim mas de um modo diferente dos concebidos pelo relativismo e pelo subjetivismo. O sentido é relativo na medida em que se relaciona a uma pessoa específica, que está enredada numa situação específica. Pode-se dizer que o sentido difere, primeiramente, de homem para homem e, depois, de dia para dia e, de fato, até de hora para hora. De fato, eu prefiro falar da unicidade - mais do que da relatividade - do sentido. Esse caráter de algo único é uma característica não só de uma situação, mas da própria vida como um todo, já que esta se apresenta como uma sequência de situações únicas. Desse modo, o homem é único tanto em termos de essência como de existência (Frankl, 2011, p. 72).

Frankl (2011) alega que nenhum ser humano pode ser substituído devido a este caráter de unicidade. Tal unicidade não quer dizer que exista um sentido universal categórico da vida, mas um sentido em cada indivíduo que pode se tornar comum e ser partilhado por diversos seres humanos. O que ele considera como universalmente carregado de sentido são os valores, que dizem respeito à condição humana. “O ser humano é impulsionado por instintos, mas é refreado por valores, estando sempre livre para aceitar ou rejeitar um valor que se oferece em dada situação” (Frankl, 2011, p. 75).

Há de se admitir, segundo Frankl (2011), que o sentido necessita de uma interpretação. Interpretar, contudo, implica sempre uma decisão. À primeira vista, isso poderia sugerir que o sentido não passa de uma projeção subjetiva lançada sobre uma realidade neutra e desprovida de significado, como se o mundo fosse apenas uma tela em branco na qual imprimimos nossas expectativas, desejos ou crenças. Se

assim fosse, o sentido reduzir-se-ia a uma forma de autoexpressão, algo meramente subjetivo.

No entanto, de acordo com Frankl (2011), não é o sentido em si que é subjetivo, mas a perspectiva a partir da qual nos aproximamos da realidade. Essa subjetividade de abordagem não compromete a objetividade do real. A realidade mantém sua consistência e independência, ainda que seja percebida de pontos de vista diferentes. Para ilustrar, Frankl (2011, p. 78) apresenta o exemplo de duas pessoas que observam uma mesma igreja a partir de locais distintos: cada uma descreve apenas uma de suas faces, mas ambas falam da mesma realidade objetiva. Daí sua conclusão: “Não importa o quão subjetivas nossas perspectivas possam ser: o que é visto através da perspectiva é o mundo objetivo” (FRANKL, 2011, p. 78).

Os seres humanos estão sempre transcendendo a si mesmos na direção de sentidos que constituem algo diferente deles mesmos, que são bem mais do que meras expressões deles mesmos, mais do que meras projeções de si. Sentidos são descobertos; não podem ser inventados (Frankl, 2011, p. 79).

Para fundamentar tal afirmação, o autor recorre à fenomenologia. Essa abordagem filosófica permite descrever a experiência tal como é vivida pela consciência, valorizando a singularidade de cada vivência e evitando generalizações abstratas. Assim, a fenomenologia oferece uma maneira concreta de abordar a questão do sentido, tomando os acontecimentos cotidianos como pontos de partida. Frankl (2011, p. 92) afirma: “A logoterapia se baseia em afirmações sobre valores tomados como fatos, não em julgamentos sobre fatos tomados como valores.”

É certo que as experiências transformam a forma como cada pessoa fala acerca do que viveu. Contudo, o homem em plena consciência e formação adequada não inventa arbitrariamente significados, mas reconhece o sentido como algo a ser encontrado. O autor sintetiza:

[...] A menos que sua autocompreensão seja distorcida por padrões pré-concebidos de interpretação - para não dizer de doutrinação -, o homem se refere ao sentido como algo a se encontrar, não como alguma coisa a ser inventada. Uma análise fenomenológica que se proponha a descrever, de modo empírico e sem desvios, tal experiência nos mostrará que, na realidade, sentidos são encontrados, não criados. Aliás, eu diria que, se pudermos pensar que sentidos são “criados”, eles não seriam criados de maneira arbitrária, mas a partir do modo como as respostas são dadas. Isso quer dizer que, para cada pergunta, só há uma resposta: a certa. Só há, verdadeiramente, um sentido para cada situação vivida (Frankl, 2011, p. 80).

Frankl distingue três categorias de valores que orientam a descoberta de sentido:

Eu os classifiquei com os seguintes nomes: valores de criação, valores de experiência e valores de atitude. Essa sequência reflete as três principais vias através das quais o ser humano encontra sentido em sua vida. O primeiro grupo se refere ao que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas “obras”, de suas criações. O segundo se relaciona ao que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências. Por fim, o terceiro diz respeito à atitude que se toma, à postura que se adota diante da vida, quando se é defrontado com um destino que não se pode mudar (Frankl, 2011, p. 90).

Os valores de atitude são os mais relevantes. Por mais que seja algo difícil, é possível imaginar uma vida com a ausência de valores de criação e de vivência. Entretanto, não se pode dizer que não há em nós oportunidade para nos preenchermos dos

valores de atitude. Neste valor, o destino pode até ser imutável, mas o que está em jogo é a atitude que o homem toma perante aquilo. Por isso, Frankl (2019, p. 114) afirma que “[...] a vida do homem conserva o seu sentido até ‘as últimas’, até o último suspiro.” É importante observar que esse valor se manifesta quando o destino se impõe como algo diante do qual nada mais se pode fazer, senão aceitá-lo e suportá-lo. Continua o austríaco:

Enquanto está consciente, o homem tem uma responsabilidade perante os valores, ainda que apenas se trate de valores de atitude. Enquanto tem um ser-consciente, tem também um ser-responsável. A sua obrigação de realizar valores não o deixa em paz até o último instante da existência. Por muito limitadas que venham a ser as possibilidades da realização de valores, a realização de valores de atitude sempre continua a ser possível (Frankl, 2019, p. 114).

Em suma, nos acontecimentos da vida, em algumas vezes somos chamados à realizar valores criativos, quando teremos que enriquecer o mundo com o nosso agir. Por outras vezes, realizaremos valores vivenciais, quando seremos enriquecidos através de nossas vivências. Mas, em outros momentos, pode nos restar a atitude, o valor que pode nos marcar para sempre, o que nos dá identidade.

Hoje, vive-se uma era de esgotamento e desaparecimento das tradições. Desse modo, em vez de novos valores serem encontrados através de sentidos únicos, o inverso ocorre. Valores universais estão em declínio. Por isso, cada vez mais pessoas são tomadas por um sentimento de falta de propósito, ou de [...] vácuo existencial (Frankl, 2011, p. 83).

Mesmo em um contexto de crise de valores universais, como na contemporaneidade, os sentidos individuais permanecem, assegurando propósito à existência: “[...] quanto mais o homem apreender o caráter de missão que a vida tem, tanto mais lhe parecerá carregada de sentido a sua vida” (Frankl, 2019, p. 128).

[...] A vida como a entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são bem concretas. Essa concreticidade está dada pelo destino do ser humano, que para cada um sempre é algo único e singular. Nenhum ser humano e nenhum destino podem ser comparados com outros; nenhuma situação se repete (Frankl, 2024, p. 129).

Certa vez, dentro do campo de concentração, Frankl observou o sentimento de dois prisioneiros à respeito da vontade de tirar a própria vida ocasionada pela perda do sentido existencial. O que importa desta história é que ambos tinham fora do campo de concentração um caráter de algo único insubstituível aguardando por eles, que os fez refletir sobre ir ao encontro do que a vida esperava deles:

[...] Ambos estavam dominados pela sensação de que já não tinham nada a esperar da vida. [...] E realmente em breve se tornou patente que – para além do que ambos os prisioneiros tinham a esperar da vida – era a vida deles que tinha missões bem concretas à sua espera (Frankl, 2019, p. 189).

Assim, emergem os três princípios centrais da logoterapia: liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida, expressos pelas três vias: valores de criação, experiência e atitude (Frankl, 2011, p. 90). O centenário de Viktor Frankl, celebrado em 2005 pela Universidade da Pensilvânia, evidenciou a influência de sua obra. Sua grande descoberta, vivida em Theresienstadt, é que, além da busca pelo prazer e pelo poder, existe uma força motivadora mais profunda: a vontade de sentido. Para Frankl,

a alma humana suporta qualquer provação, exceto a falta de um significado para viver. Até o fim da vida, ele defendeu que o sentido deve ser renovadamente escolhido a cada dia, e que o desafio da existência não é escapar do sofrimento, mas decidir o que fazer com ele.

3.3 REFLEXÃO FILOSÓFICA: O SENTIDO DA VIDA EM NIETZSCHE E FRANKL

A filosofia é enriquecida com o termo sentido. Ainda que possua muitas definições, algumas podem se encontrar em uma mesma significação: orientação. Orientar-se é buscar uma finalidade. Quando se pensa no termo sentido aplicado à vida, mais especificamente humana, aprofunda-se ainda mais o termo que agora ganha peso, pois se trata de algo por demais valioso. O sentido da vida, portanto, toca em algo da essência humana e merece estudo e atenção. No decorrer da vida, um indivíduo sempre tem um propósito, visto que até mesmo quem alega não ter propósito algum, vive conforme um propósito. Neste contexto, escolhi dois autores distintos de pensamento, mas que buscaram responder à mesma questão existencial: como viver e em qual sentido? Ao longo desta reflexão, serão retomadas algumas ideias e citações previamente apresentadas, com o intuito de entrelaçar os pensamentos de Nietzsche e Frankl, buscando evidenciar os pontos de convergência e contraste entre suas compreensões acerca do sentido da vida.

Friedrich Wilhelm Nietzsche e Viktor Emil Frankl se assemelham quando dizem que uma vida sem sentido ou a ausência de um porquê para viver pode ser um risco premente não apenas para a vida daquela pessoa, mas uma epidemia global. Falando sobre o sofrimento na *Genealogia da Moral*, Nietzsche (2015, p. 47) demonstra que “[...] O que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido”. Ele quer chamar atenção para a necessidade de colocar-se um sentido para além da dor, assim como Frankl:

[...] Se a vida tem um sentido, também o sofrimento deve ter um sentido. [...] De tal modo o sofrimento é uma questão humana por excelência que, de alguma forma, já pertence à vida humana enquanto tal, que eventualmente o não sofrer pode ser doentio (Frankl, 2022, p. 61).

Ambos compreendem que a vida pede por respostas, ainda que cada um à sua maneira: Frankl (2019, p. 130) diz que “[...] é a própria vida que faz perguntas ao homem.” Nietzsche (apud Reale e Antiseri, 2006, p. 15), na linha do eterno retorno e *amor fati* diz: “[...] O super-homem ‘ama a vida’ e ‘cria o sentido da terra’, e é fiel a isso. Aí está sua vontade de poder.” Para Reale e Antiseri (2006), a expressão *amor fati* é utilizada por Nietzsche para indicar a atitude de quem aceita a vida com tudo o que ela oferece. É quem aceita e ama seu destino, o eterno retorno, a vida como ela é. Outro aspecto semelhante nos dois é dar uma resposta à crise existencial: Nietzsche com a ideia do super-homem que cria novos valores para o mundo; Frankl defendendo que o ser humano pode encontrar sentido mesmo em condições extremas.

Algumas diferenças entre Nietzsche e Frankl relevantes para o tema são: a visão acerca do transcendente; o que move a vontade humana: o poder ou o sentido propriamente dito?; Nietzsche acredita que as coisas não são ontológicas enquanto Frankl considera ontológico o propósito humano; como assunto que percorre a linha de cada autor como plano de fundo: devo construir o sentido da vida humana através

de uma subjetividade criadora na perspectiva nietzscheana ou necessito assumir uma postura de descobridor de um sentido da vida que vem ao meu encontro de forma objetiva?

Viktor Frankl tem uma visão transcendente do sentido da vida, isto é, existente fora do indivíduo e a ser descoberto por ele em resposta às exigências da realidade, dos valores e até de uma dimensão espiritual ou divina. O ser humano, para Frankl, realiza-se na medida em que se entrega a algo maior que si mesmo, mesmo diante do sofrimento. Já Friedrich Nietzsche adota uma visão imanente do sentido da vida, negando qualquer valor ou propósito dado externamente. Para ele, o sentido deve ser criado pelo próprio indivíduo, a partir da afirmação plena da existência tal como ela é, guiada pela vontade de poder, inclusive com sua dor e caos. Frankl vê a liberdade como a capacidade de responder a um sentido que nos transcende, Nietzsche entende a liberdade como o poder de criar novos valores e afirmar a vida, sem recorrer a instâncias metafísicas ou absolutas. Em consonância com Nieto (2023), compreende-se no interior da doutrina de Nietzsche que o próprio ser humano pensa as coisas da maneira que ele quer que elas sejam, decidindo em última instância, na medida em que a verdade é criada por ele mesmo, e a moral pautada por sua própria conduta.

Nesse sentido, Nietzsche rompe com os valores tradicionais e ontológicos, até mesmo dando a entender que ele tem consciência daquilo que ele pretende combater, partindo da crítica à religião. A morte de Deus e a vontade de poder tem tudo a ver uma com a outra, porque na ausência de Deus, o indivíduo acredita poder tudo e realizar tudo o que idealiza. Qual é o limite entre tamanha subjetividade e o outro? Nieto (2023) sintetiza muito bem a verdadeira causa do motivo de Nietzsche ser contra Deus: para que o homem viva em todo seu potencial e liberdade, é preciso que não haja um Deus interferindo em seus horizontes. Para que isso aconteça, não se pode apenas esquecer de Deus, mas é preciso matá-lo. Em sua obra *A Gaia Ciência*, aforismo 343, quando Nietzsche proclama que Deus está morto, ele diz:

[...] eis que enfim, mesmo se não está claro, o horizonte de novo parece livre, eis que enfim os nossos barcos podem voltar a partir e vogar diante de todos os perigos; voltar a ser permitida ao pioneiro qualquer tentativa de conhecimento; o mar, o nosso mar, de novo, volta a abrir-nos todas as suas extensões; talvez mesmo nunca tivesse havido um mar tão “pleno” (Nietzsche, 2000, p. 172).

Com isso, Nietzsche atesta que sem Deus, a barreira que outrora havia findou-se. Agora, pode-se criar valores subjetivos e navegar em mar aberto, exercendo ao máximo a vontade de poder. A pretensão de Nietzsche é consolidar uma crítica à moral tradicional e uma transvaloração dos valores. Não existiria, conforme o autor, valores eternos. Os valores cumprem funções dentro da história, em uma perspectiva e com determinadas pessoas:

[...] necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão — para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (Nietzsche, 2015, p. 9).

Por outro lado, Frankl reconhece a importância das necessidades materiais, como a comida e a estabilidade econômica, mas afirma que elas não bastam por si só para tornar a vida suportável. Segundo ele, viver apenas para satisfazer o corpo, sem um propósito mais profundo, leva ao vazio e ao colapso interior. O ser humano precisa de um sentido para viver — uma convicção inabalável de que a vida tem valor, mesmo diante do sofrimento. E, quando esse sentido existe, a pessoa é capaz até de suportar a fome e a dor, porque sabe o "porquê" pelo qual está lutando:

Ninguém deve acreditar que somos tão frívolos a ponto de subestimar nesses contextos as dificuldades econômicas, uma difícil situação econômica, enfim, o momento sociológico ou econômico. Sabemos, hoje mais do que nunca, em que medida "vem primeiro a comida e depois a moral". Quanto a isso, não ficamos nos enganando. Mas sabemos, em resumo, que comida sem qualquer moral não tem sentido, e que essa ausência de sentido pode ser catastrófica para a consciência daquele que tem em mente somente a comida. E sabemos ainda o quanto somente uma "moral" - ou seja: a convicção inabalável em um sentido incondicional da vida - seja de que maneira for, torna a vida suportável. Pois nós vivenciamos que o ser humano também está sinceramente disposto a passar fome, se isso tiver um sentido (Frankl, 2022, p. 41).

Para Nietzsche, tendo a vida uma ausência absoluta de sentido, o conceito de vontade de poder pretende afirmar a vida. Tal conceito surge, em primeiro lugar, em Assim Falou Zaratustra (2011), revelando o que ela significa para o filósofo: não algo metafísico, mas pertencente ao domínio dos fenômenos. No aforismo 36 de Além do Bem e do Mal (2001), Nietzsche propõe uma nova forma de compreender a realidade, sugerindo que talvez não exista nada mais profundo do que nossos próprios desejos, instintos e paixões. O pensamento, nesse sentido, não é algo distinto ou superior a essas forças, mas uma de suas expressões. Para ele, tudo o que existe participa da mesma natureza viva: vontade, impulso e desejo. A vontade de poder não é racional nem consciente, mas uma força vital que tende à expansão, ao domínio e à intensidade, sendo, portanto, a expressão mais profunda do próprio mundo.

O filósofo alemão quer assumir em seu pensamento, em primeira instância, um esvaziamento de tudo aquilo que foi colocado como fonte de sentido anterior. O conforto do sentido que vem da existência de Deus, um ensinamento da moral que conduz o ser humano no caminho daquilo que é considerado bom, além de qualquer alternativa de sentido da existência que recorra à valores transcendentais, é assumido por Nietzsche como um nada. De acordo com Freire (2015, p. 12), "[...] O homem é, segundo Nietzsche, o ser que avalia e que produz valores enquanto manifestação da vontade de poder, os valores são sintomas ou de uma vontade decadente ou de uma vontade forte, resumidamente, de certo tipo de vitalidade." Nietzsche quer sempre caracterizar as atitudes transcendentais e que tenham relação com a moral abordada como referentes à negação da vida. Diante disso, o ser humano deve caminhar por outro lado, criando seu modo de viver baseado na forma que ele mesmo opta por viver e com base em seus próprios moldes.

[...] Nada que tenha seja que valor for no mundo presente possui este valor em si mesmo, por natureza — a natureza nunca tem valor; este valor foi-lhe dado, é um presente, é uma oferta que lhe fizeram, e aqueles que lhe fizeram fomos nós. Fomos nós que criamos o mundo que diz respeito ao homem; para que este mundo existisse foi necessário que nós viéssemos!... Mas é precisamente isso que não sabemos, e quando nos acontece apercebermo-

nos disso esquecemo-lo no espaço de um relâmpago: desconhecemos a nossa melhor força e engamo-nos num grau ao julgarmo-nos nós os contemplativos: não somos nem tão altivos, nem tão felizes como poderíamos (Nietzsche, 2000, p. 146).

Tal trecho, também citado no capítulo anterior, revela algo filosófico do pensamento de Nietzsche: o valor da vida em si mesma é ausente. Isto quer dizer que não existe sentido ontológico no “ser” da vida porque não está na estrutura do próprio ser, tampouco exista algo objetivo na essência da vida na qual possamos nos referir com segurança. Ao contrário, todo sentido é construído a partir da perspectiva humana, sendo uma elaboração antropomórfica. Nietzsche não procura um significado fixo, universal ou transcendente para a existência. Pelo contrário, ele parte da ideia de que a vida, em si, não oferece uma ordem ou propósito pré-estabelecido. Cabe, então, a cada pessoa assumir esse vazio e transformá-lo em potência criadora, dando forma e direção à própria existência. Assim, o sentido da vida não é algo que se descobre pronto, mas algo que se inventa e se constrói no próprio viver.

Para Frankl (2024, p. 124), o sentido da vida está atrelado com a responsabilidade de responder com os questionamentos que a vida nos faz. O sentido tem caráter objetivo, mas deve ser devidamente esclarecido:

[...] a objetividade não exclui a sua subjetividade. Explico-me: o sentido é subjetivo na medida em que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um dos outros; entretanto, [...] o sentido não pode ser puramente subjetivo: não pode ser a mera expressão, o puro reflexo do meu ser, nos termos em que o subjetivismo (nega que haja um sentido, pois sustenta que não o há, sendo nós, pelo contrário, que damos e atribuímos um sentido a uma situação) [e] o relativismo o entendem e no-lo pretendem fazer crer (Frankl, 2019, p. 105).

O autor quer dizer que o sentido da vida está em uma relação com a pessoa. É necessário que a pessoa capte o sentido e o faça se tornar realização. A objetividade diz respeito à unicidade de caráter que a vida possui:

O sentido, portanto, em virtude da sua relação com a situação, é também, por seu turno, irrepitível e único; e esta unicidade do ‘único que se impõe’ faz com que o sentido [...] em vez de ser algo dado por nós, seja para nós um dado, por muito que a percepção e realização deste dependa da subjetividade do saber e da consciência humanos (Frankl, 2019, p. 106).

Dessa forma, para Viktor Frankl, o sentido da vida tem caráter objetivo, embora se manifeste de forma singular em cada pessoa. Ele não é fruto de uma invenção arbitrária da consciência, mas algo que se descobre nas situações concretas da existência. Não existe um sentido único e universal válido para todos os homens, mas em cada circunstância a vida apresenta uma possibilidade específica de realização, que cabe ao indivíduo reconhecer e assumir. Isso evita tanto o subjetivismo quanto o relativismo, já que o sentido não é mera projeção interior, mas uma resposta verdadeira ao apelo da realidade.

Ninguém nega que, em certas circunstâncias, o homem não pode entender o sentido, tendo antes que interpretá-lo. [...] Com efeito, possuindo o homem liberdade para adotar qualquer interpretação, — não terá ele de arcar com a responsabilidade pela interpretação exata? Porque decerto só há uma resposta para cada pergunta, isto é, a resposta exata; para cada problema há apenas uma solução, a solução válida; e, em cada vida, em cada condição de vida, só um sentido, o verdadeiro (Frankl, 2019, p. 107).

Frankl (2011) postula que a forma de se aproximar da realidade pode até ser subjetiva, mas o sentido não o é. Tal subjetividade não interfere em nada no objeto real e concreto. Quando o autor narra um exemplo prático sobre duas pessoas observando uma mesma igreja de locais distintos, pode-se perceber que apesar de cada um descrever uma parte dela, ambos falavam da mesma realidade objetiva: “Não importa o quão subjetivas nossas perspectivas possam ser: o que é visto através da perspectiva é o mundo objetivo” (Frankl, 2011, p. 78).

Os seres humanos estão sempre transcendendo a si mesmos na direção de sentidos que constituem algo diferente deles mesmos, que são bem mais do que meras expressões deles mesmos, mais do que meras projeções de si. Sentidos são descobertos; não podem ser inventados (Frankl, 2011, p. 79).

Nietzsche defende o “outro da razão”, o espírito dionisíaco. Critica Sócrates por racionalizar, resgatando o poder antes da razão. O mundo se justifica esteticamente e não eticamente: cada um com seu poder e sua beleza, mesmo à custa da vida de outras pessoas. Para Frankl, que conheceu histórias extraordinárias nos campos de concentração, de luta e amor pela vida, seria uma afronta viver com um propósito que seja estético e excludente do aspecto ético. Viktor Frankl decidiu enfrentar a vida se instaurando na realidade quando poderia ter fugido do nazismo para outro país em benefício de seus atributos curriculares, mas escolheu honrar o quarto mandamento da Lei de Deus ao ficar do lado do pai e dar um fim digno a ele. Seria uma vida repleta de sentido viver seu próprio sentido e minar o sentido dos outros?

Para Nieto (2023, p. 16; p. 18), Nietzsche é o “[...] absurdo de uma vida sem sentido.” Nietzsche foi um crítico implacável da razão moderna com seu racionalismo, cientificismo e empirismo característicos. Contudo, em certo aspecto, acabou prisioneiro do mesmo espírito que buscava combater, pois sua obra permanece marcada pelo esforço sistemático de fundamentar a vida sem recorrer a fundamentos. Encarar a vida de tal maneira encontra barreiras que vemos até os dias atuais. “A atual influência da sua obra em todo o mundo explica-se, entre outras coisas, pela força com que afirma a primazia da vida sobretudo o mais, e vida entendida como afirmação de si próprio sem condicionamentos nem limitações.” (Nieto, 2023, p. 18). Frankl, ao contrário, reconhece desde o início a limitação da ciência e da razão, e não pretende oferecer respostas universais. Sua proposta se mantém no nível existencial concreto: não é uma doutrina fechada, mas uma abertura para que cada indivíduo encontre, em sua singularidade, o sentido que lhe cabe.

A vontade de poder de Nietzsche, na verdade, é vontade de nada, porque não existe vontade como um ato livre. O ideal de Nietzsche fracassou nos próprios termos quando pensou um homem plenificado na figura do super-homem. Se pensarmos em termos nietzscheanos, nem mesmo o bem se pode fazer, já que não existe bem ou mal, nem mesmo em termos naturais. A vontade de poder é a afirmação do apenas “eu”, enquanto a vontade de sentido mostra que é impossível ter um sentido para a vida que esteja centrado no próprio eu. O sentido, por necessidade lógica, não repousa na coisa, mas além dela. Implica dizer que o sentido da vida é transcendente. O desespero que caracteriza nossa sociedade atual revela uma carência profunda, assim como a sede leva o ser humano a buscar um copo d’água, a sociedade contemporânea manifesta uma sede de sentido para a vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva filosófica acerca do sentido da vida, a partir da interlocução entre Frankl e Nietzsche, contribui favoravelmente para refletir sobre a crise existencial da contemporaneidade. O ser humano hodierno tem passado por um niilismo: vazio de valores que profundamente preencham sua vida, além de carecer de referências. Entre a liberdade criadora de sentido nietzscheana e a indagação de encontrar fundamentos orientadores da existência com Frankl, obteve-se uma interessante interação. A vontade de poder e a vontade de sentido enriqueceram a reflexão sobre a condição humana e sua inserção no mundo concreto.

Friedrich Nietzsche anuncia a morte de Deus, proclamando a decadência de valores tradicionais e fixos, convocando o ser humano para assumir o protagonismo de sua própria vida, criando valores de forma subjetiva. A crítica é radical, pois nega toda a metafísica e faz uma aposta total na vontade de potência como criadora do significado da vida humana. A vontade de poder, nesse aspecto, é o impulso vital que move a vida à superação de si mesma, mesmo diante de crises e da ausência de um propósito transcendente. Trata-se de uma filosofia que convida o homem a afirmar a existência em toda a sua tragédia, reconhecendo no próprio viver e no espírito dionisíaco a fonte de sentido.

Viktor Frankl, por outro lado, entende que o sentido da vida não pode ser inventado de forma absolutamente subjetiva, mas é uma realidade manifesta objetivamente, em caráter de unicidade, na concretude das situações existenciais. A vontade de sentido é, para ele, a base de sustento do ser humano, pois ela dá a força que fornece suporte ao indivíduo, principalmente, nos momentos de crise e desesperança. A vida não é algo a ser criado e tampouco algo a ser explicado, mas uma interpelação para o indivíduo, com perguntas às quais ele deve responder de modo responsável e singular. Nesse sentido, a vida que pede algo ao sujeito. Essa perspectiva confere ao ser humano uma dignidade ontológica: ainda que o sentido se apresente de forma pessoal, única e irrepetível, ele existe como algo a ser descoberto e assumido.

O diálogo entre ambos evidencia que o sentido da vida permanece como uma questão aberta, situada entre a liberdade criadora e a resposta a um chamado que transcende o próprio eu. É possível enxergar em Nietzsche um diagnóstico de uma crise, mesmo que ele veja a salvação do homem unicamente através do próprio homem, criando tudo a si com um método demasiado subjetivo. Quando Frankl experencia a vida, ele percebe que o sentido da vida consiste numa realização para além de si, tirando o foco na responsabilidade criadora subjetiva. Nietzsche rompe com a transcendência e aposta na imanência da vida; Frankl reconhece que a existência só encontra plenitude quando orientada por algo que a ultrapassa. Ambos, no entanto, convergem na denúncia de uma humanidade em crise, marcada pelo esvaziamento de propósito e pela perda de direção.

Cabe ao ser humano notar o que pode responder melhor. Todo ser humano, em algum momento, se vê diante da necessidade de encontrar um sentido que legitime sua existência. A relevância filosófica deste estudo reside em aproximar a análise existencial de Frankl do cenário niilista contemporâneo, mostrando que a vontade de sentido pode oferecer um caminho existencial concreto diante do vazio de valores. Ao contrapor-se à vontade de poder de Nietzsche, a proposta frankliana reafirma que o sentido da vida não é mera criação da consciência, mas uma realidade que se revela

ao homem quando este assume, com liberdade e responsabilidade, as exigências do seu existir. Quando se está perdido, passando-se por um vazio existencial, é difícil retirar de si mesmo a força que irá criar sentido, o que torna a opção por Nietzsche inexecutável.

Por derradeiro, refletir sobre o sentido da vida não é uma questão meramente especulativa, mas uma urgência ética e existencial. Em tempos de desorientação e de perda de sentido, a filosofia mostra-se como um espaço privilegiado de retorno ao essencial, trazendo ao ser humano aquilo que lhe há de mais precioso e que revela sua humanidade. A vontade de poder de Nietzsche convida à coragem de criar; a vontade de sentido de Frankl, à coragem de responder. Entre essas duas atitudes se encontra o drama e a grandeza da condição humana: viver é, sempre, buscar o sentido que dá forma e direção à própria vida. Assim, permanece aberta a tarefa filosófica de continuar investigando como o ser humano pode afirmar a vida e encontrar sentido em meio às transformações culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo. O diálogo entre Nietzsche e Frankl, portanto, não se encerra aqui, mas aponta para novas possibilidades de compreender o homem e sua busca por significado.

REFERÊNCIAS

BERMON, A; VERA, A. Suicídio, o Sentido da Vida e os Valores de Uma Sociedade Que Não Percebe o Sentido. **Revista Científica e Acadêmica de Logoterapia**. V. 1, n. 2, 2024. Disponível em: <https://logoterapia.com.br/ojs/index.php/rcals/article/view/16>. Acesso em: 04 abr 2025.

CARMELO, L. E. **O mínimo sobre Viktor Frankl**. São Paulo: O Mínimo, 2024. Entrevista com Viktor Frankl - O Sentido da Vida. Vídeo. 8min41s. Publicado pelo canal Janela da Alma Psicanalise. 13 ago. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ryQj4BlfimE&t=11s>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FEIN, E. Book Notes. *The New York Times*, New York, 20 nov. 1991. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1991/11/20/books/book-notes-059091.html>. Acesso em: 30 maio 2025.

FRANKL, V. **A vontade de sentido**. Fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração**. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 63. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2024.

_____. **Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. 7. ed. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 2019.

_____. **Sobre o sentido da vida**. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2022.

FREIRE, W. F. **A Vontade de Poder Como Afirmação da Vida em Nietzsche**. 2015. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1211>. Acesso em 23 maio 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NIETO, J. L. **A vontade de poder: Nietzsche, hoje**. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2023.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. 6. ed. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

_____. **Além do bem e do mal**. 6. ed. Tradução de Márcio Pugliesi. Paraná: Hemus, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

_____. **O nascimento da tragédia**. 2. ed. Tradução de J. Guinsburg. Petrópolis: Vozes, 2019.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia**. De Nietzsche à Escola de Frankfurt. Volume 6. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

SARAIVA Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.